

## Reinaldo Ladagga, Livro Estética de la emergência: la formación de outra cultura de las artes

Priscila Arantes

---



**Edición electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/critiquedart/27461>

DOI: [10.4000/critiquedart.27461](https://doi.org/10.4000/critiquedart.27461)

ISSN: 2265-9404

**Editor**

Groupement d'intérêt scientifique (GIS) Archives de la critique d'art

**Referencia electrónica**

Priscila Arantes, « Reinaldo Ladagga, Livro Estética de la emergência: la formación de outra cultura de las artes », *Critique d'art* [En ligne], Toutes les notes de lecture en ligne, mis en ligne le 21 novembre 2018, consulté le 21 septembre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/critiquedart/27461> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/critiquedart.27461>

---

Este documento fue generado automáticamente el 21 septiembre 2020.

EN

---

# Reinaldo Ladagga, Livro Estética de la emergencia: la formación de outra cultura de las artes

Priscila Arantes

---

## NOTA DEL EDITOR

Cette note de lecture est publiée en partenariat avec la revue *Artelogie*.

- Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes* de Reinaldo Ladagga traça, de forma precisa e multidisciplinar, discussões no âmbito da filosofia, teoria das mídias, sociologia, literatura e artes visuais no intuito de sinalizar para o advento de um novo momento da cultura e das artes vinculado a processos mais amplos de mutações das formas de ativismo político, produção econômica e investigação científica. Para o autor vivenciamos um momento de transição na cultura e nas artes comparável ao que aconteceu na passagem do século XVIII para o XIX, ou seja, do período correspondente às configurações dos paradigmas e postulados da modernidade estética “que se organizava em torno a las diversas figuras de la obra como objetivo paradigmático de prácticas de artista que se materializaban en las formas del cuadro o el libro, que se ponían en circulación en espacios públicos de tipo clásico y se destinaban a un espectador o un lector retraído y silencioso, al cual la obra debía sustraer” (Ladagga, 2006, p. 7). O estabelecimento deste *modus operandi* no sistema das artes da modernidade foi simultâneo à configuração das formas de organização disciplinares - tais como descritas por Michel Foucault - que assumiram a fórmula geral de dominação exercida em diversos espaços durante séculos passados; escolas, hospitais, presídios e instituições culturais. As instituições configuravam-se, neste sentido, como uma combinação de controle social e moral visando docilizar e colonizar os comportamentos e os corpos, adequando-os e formatando-os ao modo de produção social disciplinar. *Estética da emergência* aponta, exatamente, para um novo e diferente mundo da cultura, fruto da crise do modelo disciplinar. Isto não quer dizer que as instituições culturais

“disciplinares” deixam de existir mas é perceptível que estes espaços entram em colapso para dar vazão a novas formas de organização e produção cultural mais “inclusivos”: “Esta configuración se desplegaba al mismo tiempo (y en los mismos lugares) que lo hacían las formas de organización y asociación de esa modernidad que Foucault llamaba “disciplinaria”: modernidad del capitalismo industrial y el Estado nacional. Por eso no es casual que ambas cosas entraran en crisis a la vez [...]” (Ladagga, 2006, p. 7) *Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes* coloca em debate, neste sentido, projetos criativos que se articulam em redes de colaboração entre artistas e não-artistas e que, menos do que produzir obras de arte no sentido modernista do termo, se agrupam para participar da formação de *ecologias culturais*. São projetos que implicam, muitas vezes, na implementação de formas de colaboração que permitem colocar indivíduos de diferentes proveniências e lugares operando em relações de alteridade em um pensamento de troca de saberes e em processos de aprendizagem coletiva voltados, muitas vezes, para situações concretas da realidade cotidiana. O autor reúne, assim, em nove ensaios, uma série de projetos desenvolvidos após os anos 90 no campo interdisciplinar das artes cênicas, artes visuais, literatura, audiovisual e que, para além de terem sido organizados dentro dos formatos tradicionais de exposições de arte, se manifestam através de grupos colaborativos conectados, muitas vezes, com um lugar de encontro, atuando nas formas de vida e no bem comum. What’s the time in Vyborg (Vyborg/ Rússia); Park Fiction (Hamburgo/ Alemanha), Wu Ming (Itália); The Venus Project (ênus/Flórida/EUA); são alguns dos projetos analisados em *Estética da Emergência*. O espectador destes projetos, longe de ser “retraído e silencioso” torna-se colaborador ativo integrado aos processos de criação, guiado por trocas pós-disciplinares e transdisciplinares – comunidades experimentais de resistência – que resultam em “objetos fronteiriços” ou em proposições de sociabilidade e práticas de convívio que repensam o próprio espaço comum. Analisando produções que atuam em um campo expandido de linguagens, Ladagga traz a tona projetos que se orientam dentro do que ele nomeia de um regime prático das artes, e não mais estético (no sentido modernista do termo) – dado na localidade e na aproximação legítima da arte com a vida e com o comum: “Cuando a comienzos de los años 90, tras interregno del pos-modernismo “realmente existente”, se volviera crecientemente frecuente que individuos formados em la tradición moderna de las artes se abocaran a prácticas que suponían menos la realización de objetos concluidos que la exploración de modos experimentales de coexistencia de personas y de espacios, de imágenes y tiempos, sus acciones, sin embargo, responderían a una coyuntura particular” (Ladagga, 2006, p. 45). Sem fazer distinções entre o vivo e o não-vivo, e reconhecendo a importância da produção de objetos materiais para o entendimento do mundo social, e dos elementos não-humanos como agentes constituintes do processo organizativo, Ladagga estabelece paralelos entre o que ele nomeia de estética da emergência - ou seja, do advento destas formações não institucionais que se dão de forma colaborativa e em rede- com o conceito de emergência advindo das ciências complexas e com os projetos de programação de código aberto como o Linux: “ la forma de organización propia de la comunidad del fuente abierta (que está em lá práctica organizada en torno a proyectos, procedimientos de comunicación, instrumentos de comunicación y módulos de *software* que evolucionan constantemente) no es simplemente azarosa ni se há desarrollado de manera espontánea, sino que su desarrollo se basa en un sistema complejo de relaciones sociales, valores, expectativas y procedimientos [...] Se entiende por qué la programación en fuente abierta es un

motivo de reflexión constante entre los participantes de los proyectos que hemos estado describiendo: es que allí se ensaya una gestión de lo común que no depende de modelos de colectivización disciplinarios” (Ladagga 2006, p. 277). Ladagga, com este livro, constrói uma tessitura clara e crítica, reflexiva e contundente para mostrar as modificações da cultura em tempos pós-fordistas e pós-disciplinares. Abre, assim, nossos olhos e demais sentidos para o cenário singular da atualidade. Quase 11 anos após a edição de sua primeira publicação em 2006 na Argentina, pela editora Adriana Hidalgo, é possível dizer que muitas das questões colocadas em *Estética da emergência* parecem reverberar no mundo atual, especialmente nos países da América Latina, como o Brasil em que é visível a crise e o impasse de muitas instituições culturais. O que se percebe, no caso específico do Brasil, é um enfraquecimento crescente do papel do Estado na defesa da democratização cultural entendida, neste contexto, não somente como o acesso à cultura, mas também como o atendimento à diversidade cultural. O que se vê, muitas vezes, é um dismantelamento da área da cultura, especialmente em tempos de crise econômica e política, considerada, dentro do pensamento neoliberal, como uma área de menor importância frente a outras do Estado. O questionamento do papel institucional vem acompanhado, especialmente no que diz respeito à esfera pública, por uma percepção de um descompasso profundo entre as práticas institucionais - que muitas vezes se direcionam exclusivamente ao desenvolvimento de propostas espetaculares e midiáticas - e ações que possam criar um diálogo e uma participação efetiva e inclusiva do corpo social. Percebe-se muitas vezes, dentro deste contexto, o advento de grupos autônomos e de iniciativas independentes mais experimentais entre artistas e não-artistas no sentido de criar práticas mais oxigenadas frente à realidade do nosso tempo. A cultura, nessa paisagem, pode ser vista tanto como uma arca fúnebre e fria - calculada e calculável - em que silenciados somos fadados a seguir os programas da caixa preta - como diria Vilém Flusser - ou, como em um circuito paralelo, pode nos permitir construir caminhos alternativos para reassumirmos o lugar da nossa experiência e vivência na constituição do sentido que damos ao mundo.